

Mandato

Octávio Viana

© 2025 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®

Mandato

Publicado nos EUA e UE

Primeira impressão 2026 (1.^a edição)

Referência Interna SP2026.01 | 01.04.2026 | 14:53

silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei.



Não há nada mais fundo, nem mais romântico, do que escrever um livro para uma mulher e deixá-la respirar lá dentro. Dar-lhe páginas, cidades, quartos, frases, o peso da memória (de quem escreve e de quem é escrito) e a leve distorção da realidade. Porque um livro assim é muito mais do que uma homenagem, pois passa a ser um espelho, um eco e até um abrigo para a nossa mente.

O Mandato faz isso. Elogia os lugares, porque os lugares guardam o que tantas vezes o coração solta. Elogia a mulher... a Mulher, de M grande, com tudo o que nela há de beleza, inteligência, mistério, ternura e... poque não, também da ausência e depois do regresso. Elogia a vida nas suas cores mais vivas, mas também nas suas sombras, nas suas matizes mais escuras, nos desvios, nas zonas estranhas onde o amor se mistura com desejo, invenção, memória e perda... e onde o sexo transforma o toque e os cheiros numa orquestra para a mente mais do que para o corpo.

No fundo, é isso tudo... revelar escondendo, esconder revelando. Dizer sem entregar tudo. Amar sem fixar. Porque às vezes, diria que muitas e muitas vezes, a forma mais rara de amor é esta: transformar alguém em literatura e deixá-la viver, para sempre, dentro dela.

Este é, por isso, um livro para todas as Mulheres que já foram amadas e que talvez tenham amado.

Prólogo

Há nomes que servem para assinar livros.
E há nomes que servem para abrir portas que deviam ficar fechadas.

Durante anos achei que conseguia separar as duas coisas. O homem de um lado. O resto do outro. O nome limpo para a capa, para o papel timbrado e para a fotografia onde se sorri sem mostrar demasiado os dentes. Mas depois a outra versão, aquela que entrava em hotéis sem deixar rasto, a que respondia a chamadas de números que não existiam, a que sabia ouvir antes de perguntar e sair antes de ser vista.

Mentira útil. Mas mentira.

A certa altura, o que escrevemos deixa de ficar quieto nas páginas e aprende a circular sozinho. Aprende a vestir um fato, a ganhar assinatura digital, a apresentar-se em salas de reuniões, em mesas de vinho caro e com linguagem de *compliance*. Aprende até a voltar-se contra nós.

Foi assim que isto começou. Não com um tiro. Nem com uma perseguição. Nem com uma revelação limpa, do tipo em que o leitor percebe logo ao que vem.

Começou com um nome.

Um nome meu. Morto o suficiente para eu julgá-lo enterrado. Vivo o suficiente para alguém o usar sem me pedir licença.

Depois vieram os papéis. Os acessos. As casas. Os ficheiros. As vozes. Os rostos separados por máquina. As mulheres com mais do que um nome. Os homens com mais do que uma intenção. E sempre o velho truque, sempre o mesmo: chamar proteção ao que já é intrusão; chamar método ao que já é violência; chamar acaso ao que foi preparado com semanas ou meses de antecedência e dinheiro bastante.

No meio disto estava ela.

Ou elas. Depende de quem lê. Depende do dia. Depende da coragem que cada um tiver para aceitar que uma mulher pode ser uma

OCTÁVIO VIANA

memória, um corpo, cobertura, ferida e operação ao mesmo tempo sem deixar de ser real.

Este livro não vem esclarecer nada. Não vem absolver ninguém. Vem só pôr as peças na mesa e deixar que o *puzzle* se revele num papel, em lençóis frios, mas por vezes quentes, na pele, quente, mas por vezes fria por dentro, no hotel, num arquivo, nas dobras do medo.

O resto é simples.

Alguém pegou no meu passado.

Alguém o pôs a render.

E eu, como quase sempre, cheguei tarde demais para fingir inocência.

1

Carta de Água Escura

Portugal, Vila Nova de Gaia

O *PDF* entrou às 07:12, quando a máquina do café ainda estava a aquecer e eu tinha uma meia calçada e a outra na mão. O assunto vinha limpo demais: “MANDATO_V4AC_J4A_Virtuo_Turing_signed”. Abri-o na cozinha da casa da Rua do Choupelo, de pé, sem óculos, com o primeiro amargor do dia ainda por dentro. Há documentos que nem merecem ca-deira.

Na primeira página, Voice4AllConsumers, papel timbrado respeitável, linguagem de associação pública, defesa do consumidor, interesse difuso, proteção, acesso à justiça. Na segunda, Justice4All, a portuguesa do *litigation funding*, seca, contratual, com aquele modo jurídico de escrever. Na terceira, Virtuo Turing, Lda., recente à superfície, site polido, demos simpáticas, a conversa toda da eficiência e da virtude. Até aí, feio, mas possível. O problema estava no fim.

Leilac.

O que me azedou não foi a assinatura. Assinaturas copiam-se. O que me apanhou no estômago foi a sintaxe. Havia ali um modo meu de apertar a frase, de esconder a violência no meio de uma cláusula de coordenação, uma maneira muito específica de parecer técnico quando a intenção já é outra. Tinham posto a minha máscara no rodapé usando restos verdadeiros da minha vida. Isso era pior do que uma falsificação vulgar. Era uma apropriação com estudo.

Pousei a chávena no parapeito e fui à janela. Via-se o corpo do The Yeatman ali ao lado, já com movimento de serviço, empregados de preto, caixas a entrar, carros curtos a parar e a desaparecer. Mais abaixo, telhados, muros, caves, escadas e a descida toda até ao Cais de Gaia. Faltavam poucos dias para abril acabar. Aos quarenta e nove anos eu já devia ter resolvido a questão do nome. Em vez disso, continuava preso a ele como quem deixa uma ferramenta demasiado

tempo na mão e depois já não sabe se a usa ou se a ferramenta o usa a ele.

Em público enterrei o Leilac mais do que uma vez. Fiz questão. Disse que queria o meu nome, a minha cara, a responsabilidade limpa do que escrevia e do que fazia. Tudo certo. Tudo meio verdade. O problema é que o nome Leilac não me serviu só para livros. Serviu para reuniões, viagens, diligências, salas sem janelas, gente que nunca dava o apelido, mulheres que liam demais, homens que ouviam melhor do que admitiam. Quando alguém queria a versão mais útil de mim, mais exposta ou mais clandestina, chamava por ele. Eu respondia quase sempre. Cansado, mas respondia.

Em Vila Nova de Gaia, num número clandestino na Rua do Chope, eu guardava o arquivo. Caixas, contratos velhos, correspondência, exemplares anotados e cópias que nunca tive coragem de destruir. O meu passado nunca foi bom a desaparecer. Talvez por isso aquela página me tivesse acertado de forma tão física. Não era só um nome. Era a prova de que alguém andara a trabalhar em cima dos meus restos com paciência jurídica.

Voltei ao documento. A Voice4AllConsumers mandatava a Justice4All para estruturar, financiar e coordenar um conjunto de ações coletivas, com a faculdade de contratar suporte analítico e tecnológico exclusivo à Virtuo Turing, Lda. Havia anexos sobre triagem documental, transcrição com identificação de oradores, tradução de grandes volumes, organização de imagem por pessoa, reconhecimento facial, apoio à decisão e automação de comunicações processuais. Tudo impecável. Tudo com o ar moralmente lavado das coisas feitas em nome dos lesados. No entanto, eu conhecia aquele desenho. Já o tinha visto nascer em peças soltas, em notas, em cadernos e em conversas que nunca chegaram ao papel com a honestidade devida.

O telemóvel vibrou em cima da pedra da cozinha. Era um dos canais privados. Os do costume. Meia dúzia de amigos que me viam como eu lhes convinha: o escritor excessivo, o litigante provocador, o homem incapaz de envelhecer com compostura. Um mandava uma piada sobre eu estar acordado cedo demais para fazer mal à internet. Outro queria saber se eu tinha visto um acórdão absurdo

que saíra no dia anterior. Respondi com uma fotografia do café e uma frase curta. Riram-se logo.

Aqueles canais serviam para duas coisas que eu nunca lhes expliquei assim: prova de vida e cobertura. Se eu aparecia ali às oito da manhã a dizer mal de sintaxe, de tribunais ou de juízes, a leitura era simples. O Octávio está vivo, está em Gaia, continua insuportável e está provavelmente a escrever qualquer coisa ou a preparar alguma litigância ruidosa. E quem olhasse de fora via o mesmo. Um escritor. Um gestor. Um analista. Um pseudo-advogado de fronteira. Um provocador. Não via a outra camada porque eu tratava de lhe dar assunto suficiente para não precisar de a imaginar.

O resto vinha de muito antes. Em 2009 escrevi um livro sobre mercados financeiros. Meti-lhe um capítulo sobre inteligência artificial e redes neuronais quando ainda era fácil fazerem cara de condescendência a esse tema. Não me interessava a moda. Interessava-me a previsão, os padrões e a parte mais caprichosa da decisão. A partir daí comecei a trabalhar com americanos e israelitas que nunca se apresentavam pelo nome verdadeiro do ofício. Consultores de risco. Gente de *private intelligence*. Vendedores de tecnologia com currículo arrumado demais. Primeiro foi curiosidade técnica. Modelos, dados, reconhecimento, classificação. Depois deixou de ser só isso. Passou a servir para ouvir, cruzar, antecipar e pressionar. Espionagem, com palavras mais limpas.

A Virtuo Turing, Lda. não tinha nascido há um ano no sentido sério da coisa. Há um ano tinha ganho o nome de firma, um site e alguém para dar a cara na gerência. A raiz vinha de trás. De protótipos, *software* disperso, licenças, módulos e experiências feitas para clientes que nunca podiam aparecer. Do meu trabalho e do trabalho de outros. De noites mal pagas e bem aproveitadas. De uma curiosidade que teve a pouca vergonha de crescer.

Fiquei a olhar para o ecrã como se o intervalo entre 2009 e aquela manhã se tivesse apertado todo numa única folha. Foi isso que me fez mal: não a fraude, mas a limpeza. Alguém pegara em livros, cartas, viagens, velhas coberturas, arquivo, vícios de escrita, restos do nome Leilac, e convertera aquilo numa arquitetura jurídica e financeira pronta a funcionar. O passado inteiro vinha agora com cláusulas, poderes, faturação e uma empresa de IA ao lado.

Vesti o casaco leve, meti o telemóvel no bolso e deixei o portátil aberto na bancada. Precisava de descer a Rua do Choupelo, passar pelo hotel, levar o documento nas pernas até ao Cais de Gaia. Há papéis que, se os leio parado, me estragam a respiração.

Estava a puxar a porta quando o telefone vibrou outra vez. Não era nenhum dos canais.

O indicativo era italiano.

Atendi ainda com a chave na mão.

— “Pronto.”

— “*Dottore, scusi l’ora. Sono Giorgio. Dalla casa.*”

Reconheci-lhe logo a voz. Seca, baixa e sem gosto por drama. O Giorgio tratava do lago havia anos, mais pela descrição do que pela manutenção. Quando telefonava cedo, não era para saber de cortinas.

— “Diz.”

— “*Mi hanno scritto da Milano. Chiedevano un accesso tecnico. Dicevano di avere un mandato firmato da Leilac.*”

Fiquei quieto no patamar, a porta aberta, o ar de abril a entrar-me no peito com aquela frescura húmida que acorda demais.

— “Que acesso?”

— “*Archivio, telecamere, rete, inventario digitale. Parlano come se fosse già autorizzato.*”

— “Não foi.”

— “*Lo immaginavo.*”

— “Manda-me o *mail*. Agora. E não respondas mais.”

— “*Subito.*” Fez uma pausa curta. “*Sanno troppe cose.*”

Desliguei sem dizer adeus. Com ele não era falta de educação. Era método.

Fechei a porta e comecei a descer. Antes de meter o telefone no bolso, abri o canal privado e deixei uma frase banal, quase estúpida, daquelas que me serviam de máscara social desde antes de eu admitir que eram máscara: “Vou ao cais antes de atirar um *PDF* pela janela.” O Duarte respondeu logo com um áudio de riso e um insulto afectuoso. Outro mandou uma fotografia de um pequeno-almoço de hotel como se isso fosse provocação séria. Respondi com um palavrão curto e um *emoji* que me representava menos do que o meu nome real, mas cumpria a função.

MANDATO

Era isso que aqueles canais faziam melhor. Produziam banalidade suficiente para tapar o resto. Se alguém quisesse saber onde eu estava, via-me ali: vivo, cedo, mal disposto, a brincar aos excessos de escritor. Se alguém precisasse de um retrato rápido, eu próprio lho dava. O Octávio está em Gaia. O Octávio desceu ao cais. O Octávio continua a dizer mal do mundo em vez de o rebentar. Prova de vida. Cobertura. Carinho, até. Não eram coisas incompatíveis.

Passei pelo lado do The Yeatman onde entram as caixas, as flores e a roupa lavada. O luxo, visto pela retaguarda, é uma operação logística com cheiro a detergente. Havia carrinhos de serviço, um homem de auricular a discutir entregas, uma carrinha de vinhos a descarregar ao lado da zona onde os hóspedes, dali a pouco, iriam posar como se o dia lhes devesse alguma coisa. Conhecia melhor esta parte do hotel do que a outra. Almoços de litigância, encontros que precisavam de recibo, reuniões em que o preço do lugar fazia metade do trabalho. Em muitas dessas mesas eu fora o Octávio para a conta e Leilac para a leitura real do que se estava a passar.

Descer a Rua do Choupelo a pé faz sempre uma seleção dura do que trazemos na cabeça. O corpo escolhe o essencial. O joelho esquerdo lembrou-me a idade ao primeiro lanço mais inclinado. A boca sabia a café mal acabado. O documento continuava aberto no telemóvel e eu só pensava nisto: já me tinham ido ao nome, agora iam à casa.

O aviso do Giorgio entrou quando eu estava a meio da descida. Encostei-me a um muro e abri o encaminhamento. O *e-mail* vinha impecável, em inglês de *compliance*, remetente de uma conta corporativa da Virtuo Turing, Lda., copiada para uma sociedade milanesa de apoio legal e para um endereço funcional da Justice4All. O pedido chamava-se *technical preservation and structured evidence intake*. Queriam acesso a sistemas de videovigilância, armazenamento local, suportes físicos, documentação dispersa e material áudio com vista a processamento seguro, transcrição, tradução e organização probatória. No rodapé, a mesma linguagem lavada. No campo da autorização, o meu enjoo: “*under mandate executed by Leilac.*”

Ampliei o texto com dois dedos e senti logo o vício daquilo. Não era só o meu tom. Era a sequência operacional. Primeiro recolher.

Depois transcrever. Depois identificar vozes. Depois agrupar rostos. Depois relacionar tudo com cronologia, entidades, risco e decisão. Havia ainda uma nota sobre detecção de dispositivos ocultos e automação de comunicações. Produto, chamariam eles. Eu chamava-lhe outra coisa. Foi com os americanos e os israelitas que aprendi esta ordem de marcha, quando ainda fingíamos que estávamos a investigar o futuro e não a construir ferramentas para o tornar rentável. Em 2009 aquilo era matéria de capítulo e curiosidade de gente obsessiva. Agora vinha em papel empresarial, bonito, licenciado, com vocação para tribunal e para chantagem.

Continuei a andar. Não por calma. Por necessidade. Se fico parado com certas coisas na mão, o pensamento apodrece logo.

Mais abaixo o som mudava. Menos carros, mais gente a abrir portas, metal de grades, louça a ser arrumada, uma vassoura a raspar pedra, uma mota de entregas a fazer-se importante. Ao fundo, o caos ainda estava naquela hora em que os empregados chegam primeiro do que os clientes e a cidade tem mãos a trabalhar antes de ter conversa. Em Gaia sempre gostei dessa parte. Não por poesia nenhuma. Porque é a hora em que os disfarces ainda não estão todos vestidos.

Voltei ao *e-mail* e reli uma linha que me deixou mais frio do que o nome. Não pediam apenas acesso à casa. Referiam-se a “*existing archive and legacy device infrastructure*”. Sabiam que não era uma casa vazia. Sabiam que ali havia mais do que móveis e pratos. Em Gaia estavam cartas, dossiers, contratos, cópias anotadas, livros com margens escritas. No lago tinham ficado outras coisas: discos, cadernos de trabalho, *routers* antigos, duas caixas de gravações, *hardware* que eu mantivera por inércia e por culpa, como quem não deita fora uma faca porque ainda não decidiu se foi arma ou ferramenta.

Muito pouca gente conhecia o mapa inteiro dessas duas margens. Menos ainda saberia traduzi-lo para uma linguagem destas, suficientemente jurídica para entrar numa estrutura de *funding* e suficientemente técnica para alimentar uma empresa de IA sem a fazer correr. Isso é o que me começou a roer na descida. A falsificação já não me parecia obra de um oportunista. Parecia trabalho de gente com acesso a materiais verdadeiros, memória bastante e, acima de tudo, nervo financeiro.

MANDATO

O Duarte mandou um novo áudio. Nem ouvi. Vi só a transcrição automática no ecrã bloqueado: qualquer piada sobre eu acabar o dia a processar o Douro por danos estéticos. Sorri de lado. Era para isto que eles serviam também. Para me puxarem de volta ao homem legível, ao amigo com graça excessiva, ao litigante que exagera tudo e depois vai almoçar. Enquanto isso, eu ia a descer com um mandato falso no bolso e uma casa em Itália a ser medida por terceiros.

Quando cheguei à zona mais baixa, junto às caves e às primeiras mesas ainda por abrir, o telefone vibrou outra vez. Não era do canal. Era o Giorgio, de novo. Tinha enviado o *screenshot* do *e-mail* e uma mensagem curta por baixo.

Não era sobre a minha casa.

Abri a mensagem de Giorgio junto ao corrimão de metal, com o telefone na mão esquerda e a direita fechada sem eu dar por isso. O *screenshot* já não trazia o código da minha casa. Trazia outro. Conheci-o antes de o ler todo, como se certas combinações de letras tivessem ficado gravadas no corpo. Era a referência da propriedade dela, a do lago, a que funcionava em arrendamento temporário com a compostura própria dos lugares que cobram muito para parecerem discretos.

A cadeia do *e-mail* estava maior do que eu esperava. Virtuo Turing, Lda. em cópia para um endereço operacional da Justice4All. Mais abaixo, um contacto italiano de suporte jurídico e reputacional. Tudo muito aseado. Pediam preservação técnica, recolha estruturada, espelhamento de dispositivos, exportação de registos de hóspedes, videovigilância, acessos *Wi-Fi*, identificação documental e tratamento de imagem. No ponto sete falavam em correlação de identidades e “*risk-linked persons*”. No ponto nove, em conteúdos áudio dispersos suscetíveis de transcrição e tradução. A frase final era o pior: “*properties under related operational influence.*”

Era assim que eles escreviam agora o que antes cabia em três telefonemas e dois homens sentados numa mesa errada. *Operational influence*. Uma casa, uma mulher, um arquivo e uma história mal enterrada.

A nota do Giorgio vinha por baixo, curta.

Non è la sua. È quella della signora.

Fiquei a olhar para aquilo até a imagem perder definição. Não porque o telefone falhasse. Porque eu estava a fazer o que faço sempre que uma peça encaixa cedo demais: resistir-lhe um segundo. A Cecília não me veio logo como Mariangela. Veio-me como a mulher real. A voz baixa. As mãos firmes. O modo como ela olhava para uma divisão antes de decidir se podia respirar lá dentro. A Mariangela era a forma dela entrar armada no teatro dos outros. Mas quando um homem recebe uma mensagem destas, não é a personagem que lhe sobe primeiro à garganta. É a pessoa.

Desci os últimos metros até ao cais quase sem ver quem passava. Cheirava a café, ao óleo sintético de uma DT 50 LC barulhenta que passava e à água batida contra as margens do rio. Um empregado arrastava cadeiras. Dois turistas de mochila grande discutiam em castelhano diante de uma montra ainda fechada. Um homem de colete descarregava grades de cerveja como se o mundo fosse simples. Eu invejei-o por dois segundos e passou-me.

Parei junto a uma mesa vazia, pedi um cimbolino e sentei-me de lado para ver o telefone e a frente do rio ao mesmo tempo. O café veio demasiado quente. Melhor assim. Queimei a língua e fiquei mais desperto. A certa altura da vida começamos a perceber que o passado não volta por nostalgia. Volta por faturação, por procuração, por cadeia societária e por cláusula maliciosa. Volta com gente nova a usar materiais velhos e a chamar-lhes outra coisa.

Foi isso que senti ali: os livros todos a regressarem sem capa. Portofino, Como, as casas, as cartas, os nomes trocados para proteger o que nunca ficou realmente protegido. Eu tinha escrito demasiadas coisas a partir de sítios verdadeiros. Tinha mexido nos nomes, sim. Tinha deslocado datas, somado personagens, enterrado passos concretos no meio de enredo, sexo, dívida, ironia, saudade e operação. E durante anos isso funcionou. O leitor normal via literatura. O leitor certo via mais qualquer coisa. O problema é que agora alguém pegara nesses restos e passara-os a limpo para o tribunal, para o *funding* e *software*.

O Leilac tinha deixado de ser um pseudónimo. Era já um poder de representação.

MANDATO

Bebi metade do cimbolino, abri o canal privado e deixei outra banalidade para me datar ali, no sítio exacto em que estava, à hora exacta em que precisava de estar visível.

“Cais, café miserável e a cascata são-joanina do Rui Veloso.”

Vieram logo respostas. Riso. Um convite para almoço. Uma provocação sobre eu acabar a processar também as caves. O Duarte perguntou se eu tinha dormido. Mandei-lhe um “pouco e mal” que era suficientemente verdadeiro para passar por piada. O rasto ficava montado. Se alguém precisasse, eu estava ali. Gaia. Manhã. Mau feitio. Vida normal. Uma vida normal muito trabalhada, mas normal.

Voltei ao *e-mail* e reli a lista de dados que queriam recolher da casa dela. Hóspedes. Rostos. *IDs*. câmaras. Áudio. Aquilo já não era apenas uma operação sobre consumidores, nem sequer apenas litigância agressiva com tecnologia ao lado. Era uma malha. A Voice4AllConsumers punha a cara decente. A Justice4All punha a segura contratual. A Virtuo Turing punha os olhos, os ouvidos, as mãos de máquina. E por trás, eu cheirava o dinheiro italiano antes mesmo de lhe saber o nome inteiro.

A minha irritação, nessa altura, já nem era moral. Era íntima e profissional ao mesmo tempo. Tinham ido ao meu nome, à minha gramática e às minhas casas. Agora iam à casa dela. Isto já não era sobre textos. Era sobre acesso. Sobre quem entra primeiro. Sobre quem arquiva quem. E havia uma coisa pior do que isso: para chegarem ali, alguém tinha de conhecer o mapa conjunto. Não bastava saber que eu existia. Era preciso saber como eu me tinha distribuído pelo mundo, por que portas voltava, que dispositivos nunca deixava fora, que mulher não saía realmente da zona crítica mesmo quando saía da minha cama, dos meus livros ou da minha vida visível.

Pousei a chávena vazia e abri a aplicação das viagens. Porto. Milão. Ainda havia lugar num voo da tarde. Fechei sem comprar. Não por hesitação. Por disciplina. Primeiro precisava de saber se estava a ir para um reencontro, para uma emboscada ou para aquilo que costuma ficar no meio das duas coisas.

O telefone vibrou outra vez.

Era o Giorgio. Tinha enviado uma segunda imagem.

Abri-a.

OCTÁVIO VIANA

Não era uma captura de ecrã. Era uma fotografia tirada sobre uma mesa de madeira escura que eu conhecia demasiado bem. Via-se o canto de um cinzeiro de pedra, a borda de uma taça vazia e ao centro um envelope creme, fechado, sem selo. A letra inclinada vinha a tinta preta, firme e sem pressa. O meu nome estava escrito no papel pelo meu nome real.

Octávio.

Fiquei alguns segundos a olhar para aquilo como se a distância entre o Douro e o lago pudesse caber inteira numa bosta de envelope.

A mensagem do Giorgio apareceu por baixo da fotografia.

Cecilia è tornata ieri sera.

Ha lasciato questo per lei.

2

A Casa do Outro Lado

Itália, Lago di Como — Cernobbio / Via Regina / Villa d'Este

Entrei em Cernobbio pouco depois das quatro, num Alfa Romeo alugado em Malpensa que cheirava a tabaco apesar do autocolante idiota no painel. Saí da autoestrada e, em vez de virar à direita para o Como, fui para a esquerda para a Via Regina com a irritação física que certos condutores me dão: carros caros a circular devagar, como se o mundo inteiro tivesse sido instruído para os apreciar sem fazer ondas.

Passei pela Villa d'Este porque ali passa-se sempre. A estrada estreita, o portão da entrada bem longe dos edifícios, o entra e sai impecável das malas, os homens de *blazer* leve a falarem baixo, as mulheres sem uma dobra fora do lugar. Nunca olhei para aquilo como hotel. Para mim sempre foi outra coisa: um sítio onde a boa educação servia para embrulhar conversas indecentes. Já lá entrei com um nome que não era o meu e um telefone que não podia perder. O lago fez-me logo esse favor ruim. Devolveu-me o tempo do *Puzzle* do Diabo, os quartos pagos por uma *offshore* e os nomes emprestados à receção. E, pior do que isso, devolveu-me o que ficou por dizer.

O Giorgio esperava-me no recuo de gravilha antes da subida para casa. Camisa clara, casaco fino e o mesmo ar de homem que sabe estar perto do dinheiro sem lhe tocar mais do que precisa.

— “*Ben arrivato.*”

— “Se eu vim, já sabes que não foi por gosto.”

Ele encolheu um ombro. Conhecia-me bem o suficiente para não fingir simpatias.

— “*La casa è a posto.* Ninguém entrou. O envelope está comigo.”

Saí do carro, estiquei as pernas e senti logo a humidade do sítio agarrar-se às calças. O Giorgio deu-me a chave, o comando do portão e o envelope. O meu nome real na frente. A letra dela. Direita. Como se não tivesse havido anos pelo meio.

A casa ficava acima da Via Regina, escondida por árvores e por uma discrição cara que ali toda a gente entende. Pedra clara por fora, madeira séria por dentro, linhas limpas, varandas suficientes para ver sem ser visto. O tipo de lugar onde um homem podia guardar demasiadas vidas sem

chamar a atenção da vizinhança. Nunca a usei para descanso. Usei-a para desaparecer, escrever, ouvir gravações antigas, guardar *hardware* que não convinha ter em Gaia e, às vezes, acreditar que ainda controlava alguma coisa.

Quando entrei, veio-me o cheiro conhecido: papel, pó fino, madeira fechada, Shoyeido a queimar e o fundo húmido que o lago deixa em tudo. O Giorgio sabe limpar sem apagar. Os livros continuavam onde eu os deixara. Na mesa do escritório estavam dois cadernos pretos, uma caixa de cartões SIM mortos, um gravador antigo, cabos enrolados com elástico, uma pasta cinzenta e um casaco meu que eu já não me lembrava de ter deixado ali e um recibo: cento e cinquenta euros em incenso. Numa prateleira baixa, entre volumes de direito da concorrência e romances anotados, estava um cinzeiro pesado que ninguém usava havia anos. Restos. Nada sentimental. Mas restos.

Pousei a mala no quarto de cima e voltei para baixo com o envelope ainda fechado na mão. O Giorgio ficou à porta da cozinha, à espera.

— “E a outra casa?”

Ele percebeu logo qual.

— “*Quasi sempre occupada*. Americanos, suíços, ingleses. Estadas curtas. Às vezes um fim de semana, às vezes três noites. *Chef, transfer, barca, fattura. Tutto pulito.*”

— “Reuniões?”

— “Também. Dois homens de *Milano* há oito dias. Entraram ao fim da tarde, saíram antes das nove da manhã. Nada estranho, se quiser acreditar nisso.”

Não quis.

A casa dela ficava mais adiante no mesmo braço do lago, suficientemente longe para não parecer extensão da minha e suficientemente perto para continuar dentro do meu corpo. Eu conhecia-lhe a lógica mesmo sem a ver dali inteira. Arrendamento de luxo bem gerido, hóspedes estrangeiros, calendários cheios, pagamentos limpos, empregados temporários, barcos a deixar gente no pontão, malas pequenas e carros com motorista. Com uma casa assim, quase tudo tinha explicação. Entradas e saídas eram hospitalidade. Jantares eram experiências privadas. Quatro estrangeiros numa sala fechada podiam ser só mais um retiro corporativo com vista cara. Era uma boa maneira de receber pessoas sem lhes pedir nome verdadeiro.

O Giorgio abriu a pasta cinzenta e tirou duas folhas que me deixou sobre a bancada.

— “Isto também veio. Não no envelope. No correio da gestão local. Pensei que devia ver antes.”

MANDATO

Na primeira folha estava um calendário de reservas impresso, com datas bloqueadas e notas laterais em inglês administrativo. Nada ostensivo. *Transfers, catering, housekeeping, special privacy request*. Uma dessas linhas trazia, no campo do cliente, uma sigla que me pôs logo o estômago a trabalhar: V4AC. Mais abaixo, por extenso, sem qualquer vergonha: Voice4AllConsumers.

Na segunda havia uma ordem de serviço. Cabeçalho limpo, logótipo novo, tipo de letra de empresa que quer parecer inovadora e fiável ao mesmo tempo. Virtuo Turing, Lda. Destino: a propriedade dela. Trabalho previsto: reforço de rede, revisão de videovigilância, integração de dispositivos de hóspedes e suporte a transcrição de reuniões privadas. Tudo dito com aquela delicadeza seca de quem transforma intrusão em conveniência.

Levantei os olhos para o Giorgio.

— “Quem pediu isto?”

— “Formalmente, a gestão da casa. Na prática, não sei. Mas houve uma carrinha há três dias. Dois homens. Um falava português.”

Fiquei calado.

Ele saiu da cozinha para me deixar a sós, como fazia sempre quando percebia que o perigo já tinha entrado na sala e não precisava de testemunhas. Esperei ouvir a porta fechar. Só então abri o envelope dela.

Lá dentro não havia carta nenhuma. Havia uma terceira folha dobrada em quatro, tirada de um bloco de hotel da Villa d’Este, e, por trás, uma cópia da mesma ordem de serviço da Virtuo Turing. Nesta segunda versão, a linha de autorização não vinha em branco.

Alguém tinha assinado em meu nome. Pior: tinha assinado no nome que eu não lhe tinha dado. Debaixo da rubrica digital, limpa, sem tremor, lia-se: L. Viana — Leilac.

L. Viana — Leilac.

Fiquei com a folha na mão mais tempo do que devia. A rubrica em si era boa demais. Não pela forma do traço; isso hoje compra-se, aprende-se, treina-se ou rouba-se. O que me gelou foi o híbrido. O nome civil, o apelido, encostado ao outro, como se alguém conhecesse não só o homem e a máscara, mas a costura exacta entre os dois.

Só então abri a folha do bloco da Villa d’Este.

Tinha quatro linhas, escritas à mão.

“Não uses o *Wi-Fi*. Nem o teu telefone. Pergunta ao Giorgio pelo *transfer* de hoje. C.”

Nada de “querido” nada de explicações, nada do teatro que ela sabia fazer melhor do que quase toda a gente que conheci. A Cecília, quando queria ser clara, escrevia como quem corta fio certo.

Fui ao armário técnico da despensa, abri o painel e desliguei a rede da casa. *Router, mesh, NAS*, duas câmaras interiores que nem me lembrava de ter deixado ligadas, repetidores, uma ponte antiga que já devia estar morta e afinal ainda piscava. O ruído seco dos cliques fez-me bem. Depois subi ao escritório, tirei da gaveta um Nokia velho, um portátil sem nada ligado e uma bolsa cinzenta onde costumo enfiar o que não quero a conversar com terceiros.

No fundo da ordem de serviço da Virtuo Turing havia campos que um electricista banal não inventava: separação de oradores, sincronização multicâmara, deteção de pontos cegos, indexação de hóspedes por imagem, reforço de retenção de áudio ambiente. Não era manutenção de uma casa arrendada. Era preparação de colheita.

Voltei à cozinha.

— “O *transfer* de hoje” disse eu.

O Giorgio não perguntou porquê. Tirou o telefone do bolso, abriu uma nota e leu.

— “Saída da Villa d’Este, 19:40. Destino: a casa dela. Três passageiros, mais material. Pedido feito por *concierge* externo. Pagamento antecipado.”

— “Que material?”

— “Duas malas pequenas, um *case* técnico, flores, vinho, cozinha fria. E um segundo carro às 18:50, da Virtuo Turing. Esse não leva hóspedes.”

— “Já foste muito útil sem querer.”

— “Faço o possível.” Olhou para o papel na minha mão. “Foi ela?”

— “Foi.”

— “Então não está aqui só para defender a sua casa.”

Não lhe respondi. Também não era preciso.

Desci de carro até à Via Regina quando ainda havia movimento bastante para eu parecer apenas mais um homem mal disposto a chegar tarde a algum lado. Ali a nobreza da zona nunca me impressionou muito. O que me interessa é a disciplina dela. Jardins cortados ao milímetro, portões que abrem sem barulho, funcionários treinados para não fixar rostos, motoristas que sabem quando olhar em frente. É por isso que o sítio funciona. Não pela beleza. Pela eficácia.

A subida para a propriedade dela fazia-se por uma rua lateral estreita, protegida por muros velhos e câmaras novas. Parei mais abaixo, junto a uma zona de serviço onde uma carrinha de lavandaria descarregava sacos

MANDATO

brancos, caixas de *amenities* e duas embalagens de vinho branco com marca de hotel. Havia também uma Mercedes V-Class com motorista, motor ligado, e uma carrinha preta sem identificação. No banco da frente da preta, por trás do vidro, vi um *lanyard* pousado no *tablier*. Vermelho, letra branca. Voice4AllConsumers.

Fiquei sentado, quieto, a olhar aquilo como se fosse um erro de impressão e não a continuação lógica do *PDF* de Gaia.

Do portão saiu uma rapariga de *housekeeping* com um *tablet* e uma pasta de couro. Falava ao telefone em inglês com o tom profissional de quem já repetiu a mesma frase dez vezes.

— “*Yes, of course, private dining is set. The tech team is already inside.*”

Tech team.

Ao lado dela, um homem descarregou de um *case* metálico um tripé, um módulo de rede e uma pequena caixa preta com o logótipo da Virtuo Turing. Reconheci logo a família do equipamento. Não o modelo exacto; a lógica. Captação limpa, redundância, integração rápida, aspeto elegante para não assustar um cliente rico. Aquilo podia servir para uma reunião híbrida, para tradução, para gravação privada. E para as outras.

Um casal americano chegou a pé do lado de cima, com duas Rimowa e aquele ar de quem compra discrição como compra vinho caro. A porta abriu-se. Entraram. Um *check-in* assim absorvia tudo. Ninguém, vindo de fora, diria que por trás da hospitalidade podiam estar a montar outra coisa. Era esse o génio seco da casa dela. Hóspedes estrangeiros a entrar e sair, pagamentos limpos, *staff* temporário, *concierge*, *transfers*, *chefs* privados, flores, vinho e roupa lavada. Entre isso, enfiava uma reunião, três nomes falsos e um sistema de escuta com aspecto de serviço *premium*, e o mundo chama-lhe luxo.

Não a vi.

Ou vi qualquer coisa que podia ser só uma mulher a atravessar o piso de cima e não me autorizei a fazer dela Cecilia antes do tempo.

Aguntei ali mais três minutos. Depois arranquei. Não me apetecia oferecer a cara a câmaras que alguém talvez já estivesse a treinar com ficheiros meus.

Ao passar de novo pela Villa d’Este, abrandei sem querer. Já tinha entrado ali com demasiados nomes para fingir indiferença. Havia uma banca discreta junto ao portão da entrada, montada para credenciação. Duas caixas ainda por abrir estavam no chão, com etiquetas de transporte. Numa lia-se V4AC hospitality. Na outra, mais pequena, Virtuo Turing AV support.

Pronto. Já chegava.

Dei a volta e subi para casa com um princípio de enjoo e fome, combinação péssima para pensar. O Giorgio tinha deixado café feito num bule térmico e um prato com duas fatias de *vitello tonnato* que eu comi de pé, frio, a olhar para os papéis. Depois abri no portátil *offline* o dossiê da gestão local e procurei a reserva do *transfer*.

O pedido vinha mascarado por uma *conciierge* suíça. Mas a nota interna, escrita à pressa para uso de *staff*, era mais honesta do que o contrato: “*Private dinner prep, V4AC principals. Technical liaison by Virtuo Turing. Guest flow through residence.*”

Guest flow through residence.

Era uma frase suja de tanta limpeza.

Pousei as mãos na mesa e fiquei um momento assim, inclinado, a sentir a madeira fria nos dedos. Em 2009 eu ainda acreditava demais em certas ferramentas. Hoje já sei o suficiente para reconhecer quando alguém pega em peças minhas e as põe a render contra mim.

O Nokia vibrou dentro da bolsa cinzenta.

Não tinha aquele número há anos. Só quatro pessoas o conheciam. Olhei para o ecrã sem tocar.

Chamava de um número italiano fixo.

Villa d’Este.

Atendi ao terceiro toque.

— “*Si?*”

Uma voz de receção, treinada para não se meter onde não foi chamada, perguntou pelo *signor* Viana e, quando confirmei, passou logo ao ponto.

— “*Chiamo dalla Villa d’Este. Uma senhora deixou uma busta para si e um pedido de confirmação para amanhã. Pediu que o contactássemos apenas neste número.*”

— “Que senhora?”

— “*Non ha lasciato nome. Disse que bastava dizer-lhe isto: ‘não use nada ligado’.*”

Desliguei sem agradecer.

O Giorgio apareceu à porta da cozinha antes de eu o chamar. Devia ter-me ouvido o tom, ou então já vivia comigo há anos suficientes para saber quando a casa mudava de temperatura.

— “Quer que vá consigo?”

— “Não.”

— “Levo eu.”

— “Se ela pediu este número, pediu-me a mim.”

MANDATO

Ele assentiu. Sem drama. Foi buscar-me um casaco leve e deixou-o no encosto da cadeira, como quem serve um copo. Às vezes a elegância verdadeira é isto: fazer sem comentar.

Desci outra vez pela encosta e meti o carro num pequeno buraco de uma varanda panorâmica, sobre o lago, pública, mesmo ao lado do Queen's Pavilion, o canto mais discreto que conhecia. A Villa d'Este continuava a fazer o mesmo truque de sempre: muito protocolo, muita gravilha bem tratada, muito empregado de luva invisível, e por baixo gente a chegar com dossiers, agendas, ressentimentos e dinheiro alheio. Já ali entrei demasiadas vezes para fingir encanto. Há sítios que nos reconhecem pelos sapatos, mesmo quando não dizem o nome.

Entre pelo pequeno portão verde ao lado do heliporto, passei a pequena ponte pedonal por cima da Via Reggina e desci pelo jardim até à entrada do edifício principal, o Cardinal. Duas mulheres de preto montavam credenciais sobre uma mesa corrida. Um técnico afinava um ecrã grande demais para ser apenas casamento ou um aniversário caro. Num cavalete ainda por abrir via-se metade de um título, tapado pela proteção de cartão: “*European Access...*” Chegava. Ao lado, mais caixas com as mesmas referências que eu já tinha visto. V4AC hospitality. Virtuo Turing AV support.

Fui à receção principal. O *concierge* era novo para mim, mas o tipo de homem era antigo: fato impecável, relógio que não brilha à primeira vista, boca neutra e cabeça rápida.

— “*Buonasera, signor Viana.*” Disse-o sem consultar monitor nenhum. Mau sinal. “*La stavamo aspettando.*”

— “Isso é precisamente o que me preocupa.”

Ele não sorriu. Gostei mais assim. Tirou de uma gaveta um envelope espesso, creme, sem qualquer nome por fora, e uma folha de confirmação presa por clip.

— “A senhora deixou também isto. Disse que, se preferisse, não precisava de assinar aqui. Bastava ler.”

Olhei para a folha antes de tocar no envelope.

Era uma confirmação de *transfer* privado para a manhã seguinte. Saída do pontão da Villa d'Este, 11:15. Destino: embarcadouro privado em frente, sem morada aberta no impresso. Passageiro principal: Mr. L. Viana / Leilac.

Aquela barra oblíqua entre os dois nomes fez-me mais mal do que a falsificação da véspera. Não pela ilegalidade. Pela intimidade. Quem escreveu aquilo sabia demais sobre a porcaria exacta em que eu me tornei ao longo dos anos. E, pior, tratava-a como categoria logística.

— “Quem validou isto?” perguntei.

— “A *concierge* externa associada à residência. Pagamento já garantido. Pedido de confidencialidade total.”

— “Residência.”

— “*Si*.”

Claro. Nunca chamariam casa ao que queriam usar.

Abri o envelope. Lá dentro vinham um cartão dobrado, uma chave pequena de latão com etiqueta branca e um segundo papel, impresso, com uma lista de serviços prevista para a tal residência: *private dining, sommelier, security float, language support, discreet transcription stand-by*. Esta última linha vinha sublinhada a caneta azul.

Virtuo Turing nem precisava de entrar pela porta da frente. Bastava entrar como conveniência.

O cartão tinha a letra dela. Sem hesitação. Sem qualquer vontade de me embalar.

“Amanhã não venhas por tua iniciativa. Vem porque te chamaram em teu nome.

11:15. O barco já está marcado. Se recusares, confirmas-lhes medo. Se vieres, vem só.

C.”

Virei o cartão. No verso havia mais uma linha.

“A chave é da porta lateral. Não chegues pela frente.”

Fechei-o e fiquei um instante com a chave na palma da mão. Era leve. Fria. Suficiente.

O *concierge* manteve-se quieto, respeitoso, mas atento. Havia ali uma curiosidade profissional que eu conhecia bem. Não queria saber da minha vida; queria perceber em que nível de problema estava a meter o hotel sem o sujar.

— “A senhora deixou mais alguma instrução?” perguntei.

Ele hesitou o tempo certo.

— “Sim.” Baixou um pouco a voz. “Disse que, se o senhor fizesse perguntas sentimentais, eu devia dizer-lhe para não perder tempo.”

Não consegui evitar um meio riso seco. Isso era mais dela do que a letra.

— “E se eu fizesse perguntas úteis?”

— “Que lesse o último papel só quando estivesse sozinho.”

Havia de facto uma folha mais pequena, dobrada dentro do impresso dos serviços. Tirei-a agora. O *concierge* desviou os olhos. Ao menos aprenderam alguma coisa com os escândalos alheios.

Era uma tira de papel arrancada de um bloco qualquer, escrita depressa.

MANDATO

“Não telefones. Não respondas a nenhum convite em teu nome. Não abras a casa pelo sistema antigo.”

E em baixo, sozinha, a frase que faltava para tirar qualquer resto de romance àquilo:

“Quero ver-te porque a máquina já arrancou.”

3

O Mergulho Frio

Itália, Lago di Como — Moltrasio / Passalacqua / antigo Lido

Esperei até às seis e dez no anexo baixo junto ao lago. A chave abriu-me a porta lateral às 11:17, mas ela só desceu quando a casa gastou a última ronda de empregados, copos e visitas de agência. O anexo tinha sido outra coisa noutro tempo; agora era uma arrecadação limpa com maneiras de suite de apoio: banco corrido em madeira, duche de inox, armário de toalhas, mini-frigorífico, um *router* desligado, tomadas novas demais para eu lhes dar confiança. Passei a tarde a ouvir passos por cima da minha cabeça, rodas de malas no empedrado, italiano baixo de *staff* treinado e a pancada pequena da água na pedra. Revirei os cantos todos. Encontrei um espelho recente, um cabo coaxial cortado junto ao rodapé e um buraco tapado à pressa na moldura da janela. Não estava ali por romantismo.

Quando a porta abriu, eu já sabia que era ela pela forma como evitou o clique. Entrou e ficou um segundo parada, a medir o espaço e a medir-me dentro dele. Camisa branca grossa, mangas dobradas acima do pulso, calças escuras, sapatos rasos. O cabelo preso sem grande cuidado. No anelar esquerdo havia uma faixa de pele mais clara. Vi-a antes de decidir fingir que não.

— “Seis horas” eu disse.

— “Preferias subir e atravessar a casa como um fornecedor?”

A voz vinha mais baixa. Menos encenação, mais osso.

— “Preferia não ser escondido.”

— “Hoje foi a forma mais limpa.”

Fechou a porta atrás de si, estendeu a mão e esperou.

— “Telefones.”

Tirei o Nokia do bolso do casaco e um segundo aparelho sem bateria. Ela guardou-os numa bolsa cinzenta forrada a malha metálica. Quando me tocou no pulso para confirmar que eu não trazia outro, a mão dela estava fria.

— “Ainda fazes isto” eu disse.

— “Ainda estás vivo por causa disto.”

Aquela resposta podia ser carinho, insulto ou ambas. Nela quase nunca vinha uma coisa sozinha.

Chegou mais perto do que precisava. O sabão era simples, o perfume quase nenhum e por baixo vinha-lhe o cheiro do lago agarrado à camisa. Tive vontade de lhe tocar na cara com uma brutalidade estúpida, como se o tempo entre nós fosse matéria que saísse com a unha. Fiquei quieto.

— “Mandaste-me buscar em nome errado.”

— “Eu mandei-te uma chave.”

— “Na tua casa circula um nome que eu não te dei autorização para usar.”

— “Na minha casa circulam muitas coisas a que eu não dei autorização.”

Olhou para a janela pequena, depois para o tecto. Não era pose. Estava a contar linhas, bocas, ângulos, como sempre fez quando havia risco.

— “Isto está limpo?” perguntei.

— “Limpo não. Menos sujo.”

— “Bonita garantia.”

— “Foi a melhor que te pude dar sem te deixar à porta.”

Eu já tinha preparado meia dúzia de entradas. Nenhuma me serviu quando a tive ali a dois passos. Era esse o problema com ela. A inteligência ajudava pouco no primeiro minuto. O corpo chegava antes e estragava a ordem.

— “Pensei que viesse a Mariangela” eu disse.

Ela virou-me a cabeça com um olhar curto, cansado e muito preciso.

— “Não me faças esse favor barato.”

— “Foi ela que me marcou encontros durante anos.”

— “Mariangela não desceu estas escadas.” Deu mais um passo. “Desci eu. A Cecília. A mulher real. A outra sei vesti-la quando me convém. Hoje não te quis aqui para falares com uma personagem.”

Fiquei a olhar para ela. Ali, naquele anexo com cheiro a toalhas, não havia espaço para mentiras caridosas.

— “A mulher real deixa-me num armazém o dia inteiro.”

Desta vez sorriu, só de um lado.

— “A personagem tinha descido com *prosecco*.”

— “E tu queres quem, afinal?”

— “Hoje? Octávio.”

— “Chegaste tarde.”

— “Não.” Olhou-me à boca, depois ao pescoço. “Cheguei antes que o outro nome te subisse outra vez à pele.”

MANDATO

Pediu-me o casaco com um gesto curto, pendurou-o numa pega de latão e abriu a porta para o exterior.

Sáimos para a plataforma baixa. A casa ficava acima, em socalcos limpos, bem tratados e, mais adiante, do outro lado da curva, via-se o movimento discreto do Passalacqua. O resto era água muito perto e pedra a guardar a humidade do dia.

Ela encostou-se ao corrimão de ferro e acendeu um cigarro.

— “Deixaste-os entrar” eu disse.

— “Deixei-os pensar que entravam.”

— “Na prática, a diferença paga-se do mesmo modo.”

— “Na prática, se eu fechasse tudo, vinham com papel, técnicos e polícia. Assim vi quem vinha, em que carro, a que horas, o que queriam medir primeiro.”

— “E gostaste do espectáculo?”

Ela virou a cabeça devagar.

— “Não me provoques só porque ainda não sabes onde pôr as mãos.”

A pancada foi limpa. Fiquei calado porque ela tinha razão e porque me irritava quando a tinha. Apagou o cigarro a meio e desceu os três degraus que davam ao passadiço lateral. Eu segui-a.

O antigo *lido* começava ali, disfarçado de zona técnica para não ofender os olhos dos hóspedes. Pedra lisa, um armário de remos, uma cabina estreita, uma escada de inox a descer para a água. Mais abaixo, ao nível do lago, um estrado de madeira antiga fazia de embarcadouro privado.

— “Escolheste bem o sítio” eu disse.

— “Não escolhi. Herdou-se.”

— “Como quase tudo o que complica.”

Ela olhou-me de lado.

— “Ainda vens armado de frases.”

— “Ainda as mereces.”

Parou no fim do passadiço. O vento que vinha da água entrou-lhe pela camisa e desenhou-lhe o corpo sem pedir licença. Não era uma beleza arrumada. Era melhor. Havia linha nas pernas, trabalho nos braços, um cansaço fino ao pé da boca. Aquilo acendeu-me de cima a baixo, de uma maneira antiga e má.

Ela viu tudo.

— “Ainda me olhas assim” murmurou.

— “E tu ainda paras para ver.”

— “Paro para contar saídas.”

— “Mentira.”

Aproximei-me o suficiente para lhe sentir o calor do corpo através da camisa. Ela não recuou. Ficámos os dois a ouvir uma corrente presa bater de leve no madeiro do cais. Lá em cima, uma porta fechou. Mais longe, alguém riu numa varanda que não víamos.

Pousei a mão no corrimão, ao lado da dela. Os nossos dedos tocaram-se de leve. Ela baixou os olhos por um segundo, respirou fundo e voltou a endireitar-se.

— “O teu problema” disse ela, “é achares sempre que podes falar primeiro.”

— “O teu é achares que o silêncio te absolve.”

— “Não absolve. Só compra tempo.”

Levantou a cabeça, tirou o relógio e pousou-o na tábua seca do estrado.

— “Dentro da casa não te digo mais nada.”

Olhei a água. Abril. Fria ao ponto da maldade.

— “Então fala aqui.”

— “Aqui ainda há paredes.” Fitou-me. “Na água há menos escuta.”

— “Estás a brincar comigo.”

— “Se estivesse, já tinhas percebido.”

Guardou a bolsa com os telefones na cabina estreita e voltou-se para mim.

— “Vens como Octávio” disse. “Ou ficas em terra a fazer de Leilac sozinho?”

Olhei para ela, depois para a água e comecei a despir-me.

Não lhe dei resposta. Tirei a roupa com a raiva seca de quem já percebeu que a escolha foi feita antes da pergunta. Ela não desviou os olhos. Mediu-me inteiro, sem pudor e sem ternura fácil. Senti-a olhar-me como quem lê um livro já lido e ainda encontra nele coisas que a irritam.

— “Então?” perguntou.

— “Vem.”

— “Como quem?”

— “Não abuses.”

Ela desceu a escada primeiro. A água apanhou-lhe os tornozelos, os joelhos, as coxas. Só então a vi fechar os dentes. Quando me lançou um olhar por cima do ombro, já tinha metade do corpo dentro do lago.

— “Se vais ficar a contemplar, sobe outra vez.”

Entrei a seguir.

O frio foi bruto. Subiu-me pelas canelas como uma avaria, fechou-me os pulmões a meio e levou-me um segundo de dignidade. A água de abril naquele ponto não se discutia; entrava e mandava. Prendi a mão à escada, mergulhei de vez e deixei o choque fazer o que tinha de fazer. Quando

MANDATO

voltei acima, ela estava a um metro de mim, o cabelo já solto, colado à nuca.

Beijei-a sem aviso.

A boca dela estava fria, mas a resposta veio logo dura, quase zangada. Batemos um no outro contra a parede de pedra. Lá em cima ouviu-se o motor de uma lancha a trabalhar devagar. Nenhum de nós olhou.

O resto foi menos reconciliação do que acerto de contas. O frio do lago, a pedra, o escuro da água, o risco das janelas acesas ao longe: tudo servia para tirar o verniz. Não havia ali nostalgia e nem teatro. Havia memória, zanga, fome e uma verdade física que nenhum dos dois soubera domesticar. Quando subimos de novo ao estrado, a escorrer, cegos de frio e de desejo, já não sobrava entre nós a distância limpa com que duas pessoas sensatas se voltam a falar.

Ela foi a primeira a quebrar o fôlego.

— “Olha para mim” disse.

Olhei.

— “Eu não descí aqui para fazer teatro.”

— “Então não faças.”

— “A Mariangela faria melhor isto em público.”

— “Mas tu vieste.”

— “Sim.”

Ficámos ali, corpo contra corpo, sem ilusão e sem saída, até o impulso gastar o que tinha a gastar. Quando acabou, nenhum de nós falou durante alguns segundos. Só se ouvia água, respiração e um barco que passava mais perto do que eu gostaria.

Foi ela quem se mexeu primeiro. Virou-se devagar, puxou-me pela cintura e encostou a face ao meu peito, como se precisasse de ouvir alguma coisa ali. A mão dela, ainda trémula, desceu até ao meu abdómen e ficou parada. Não era carinho puro. Era contagem. Pulso. Confirmação de vida.

Lá em cima apagou-se uma luz.

— “Ainda queres respostas?” perguntou.

— “Não vim pelo mergulho.”

— “Eu sei ao que vieste.”

— “Então fala.”

Ela afastou-se o suficiente para me ver a cara. O frio começava a voltar aos ombros.

— “Não te vou mentir agora” disse ela.

A voz já não era a da mulher que me tinha levado para a água. Era mais baixa, mais cansada e por isso mesmo mais perigosa.

Puxou uma toalha da cabina, atirou-ma sem força e ficou a olhar para o lago como se procurasse ali a ordem certa das palavras. Esfreguei a cara, o peito, o corpo ainda sensível do frio e do que ela me tinha feito, e sentei-me no bordo do estrado com os pés quase a tocar na água.

Ela não se cobriu logo. Ficou nua mais uns segundos, a olhar para o lago, depois enfiou outra toalha à volta dos ombros sem a apertar muito. Tinha a marca dos meus dedos no pescoço. Vi tudo. Ela percebeu-me a ver.

— “Não faças essa cara.”

— “Qual?”

— “A de quem acha que o corpo resolve o resto.”

— “Não resolve. Mas ajuda a ouvir.”

— “Ainda tens talento para a insolência.”

— “E tu para me trazeres até ela.”

Aproximou-se da cabina, tirou de lá a bolsa cinzenta dos telefones, um maço de cigarros e um envelope de plástico grosso, daqueles que se usam em barco para proteger papéis. O envelope não vinha dali por acaso. Estava demasiado seco, demasiado pronto.

Acendeu um cigarro à terceira tentativa. O vento da água não ajudava e a mão dela, pela primeira vez desde que me abrisse a porta lateral, tremia. Não muito. O suficiente.

— “Viste o *PDF*” disse.

Acenei que sim.

— “Então sabes a superfície.”

— “Se me chamaste para repetir o que já li, podíamos ter poupado o lago.”

Ela deitou fumo para o lado, longe de mim. Continuava a fazer isso.

— “Eu não te chamei por causa do *PDF*. Chamei-te porque o papel existe.”

Pousou o envelope de plástico entre nós.

Olhei para ele sem lhe tocar logo. A minha mão ainda tinha a marca dos dentes dela e uma linha fina de sangue seco perto da base do polegar. Aquilo irritou-me de forma despropositada. Não a dentada. O envelope.

— “Onde o arranjaste?”

— “Na minha casa.”

— “Deixaram-to?”

— “Não. Tentaram fazer-me assiná-lo por recebimento operacional. Eu pedi tempo. Fingi dúvidas fiscais, seguro, proteção de hóspedes, aquela conversa toda que advogados toleram numa viúva bem vestida.”